

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Departamento de História da Pontifícia

Universidade Católica de Campinas

ANO XV – Nº 110

ISSN 0101-4919

ABRIL/JUNHO/1983

PREFÁCIO A UM LIVRO SOBRE APARECIDA

Odilon Nogueira de Matos

Em 1972 tive o privilégio de contar com o Cônego João Corrêa Machado entre os meus companheiros de trabalho na antiga Faculdade de Música de nossa Universidade Católica, o que me propiciava o prazer de, pelo menos uma vez por semana, desfrutar de sua convivência e, sobretudo, de sua conversa amável, franca e culta de homem sempre voltado para Deus e para as coisas do espírito e da cultura em geral. Sabendo-me professor de História, não demorou o ilustre sacerdote em comentar comigo o imenso trabalho de pesquisa que vinha realizando em torno do fascinante tema, objeto do livro que ora é entregue à apreciação do público leitor: Aparecida na história e na literatura. A primeira impressão que tive foi a de que se tratava de simples artigo a ser publicado na imprensa local ou, quando muito, em alguma revista dedicada a assuntos religiosos ou históricos. Aos poucos fui sendo posto a par da mole que seu trabalho representava, a ponto de ocupar o volume que hoje o leitor tem em mãos, totalizando mais de quatrocentas páginas e, como ele próprio me confessou, mais tempo tivesse, mais ainda teria escrito. Seria bom, é evidente, mas não necessário à compreensão da excelência do tema.

Por aquela época andava preparando o Primeiro Congresso de História de São Paulo, que, efetivamente, realizou-se em julho daquele mesmo ano de 1972, sob os auspícios da nossa Universidade. A idéia vinha de alguns anos. Não me conformava com o fato de São Paulo ser talvez o único estado da Federação que ainda não havia promovido congressos visando ao estudo de sua própria história. Órgulho-me de ter tido a iniciativa e mais feliz ainda fiquei ao poder dar a Campinas e particularmente à nossa Universidade Católica a prioridade da realização.

O temário sugerido para o Congresso era o mais amplo possível, comportando as mais diversas áreas da pesquisa histórica. Fui criticado por isto, pois a tendência moderna é realizar congressos com tema definido, para evitar a dispersão de trabalhos e dar a eles certa unidade temática e cultural. Defendi-me afirmando que, em se tratando do Primeiro Congresso, não me parecia ainda conveniente um tema específico, pois meu interesse era, mais do que qualquer outra coisa, apelar aos cultores do passado paulista para que saíssem a campo a fim de demonstrar as condições da pesquisa e da investigação histórica, não apenas numa, mas em todas as áreas que pudessem interessar a um estudioso da história de nosso Estado.

Aqui é onde entra o Cônego Machado. Uma das seções do temário referia-se à história religiosa, tomada esta no seu mais amplo sentido. Percebi que seu trabalho poderia fornecer ao excelente amigo e colega o destaque de algum tópico para figurar no Congresso. Tive a ventura de vê-lo atender ao meu convite, e assim foi o certame honrado com o seu trabalho “Aparecida nos fastos da independência”, o qual, revisto e naturalmente completado, veio a constituir um dos capítulos do presente livro.

O assunto — história religiosa — sempre me interessou e, muitas vezes, levei meus alunos a cuidar dele, não só com relação aos aspectos religiosos propriamente dito, mas, especialmente, nas suas implicações culturais. Afinal, não constituem nossas instituições religiosas um dos mais ricos acervos documentais de que pode dispor o pesquisador em nosso país? Lembre-se, a propósito, que os especialistas em história demográfica (Maria Luiza Marcílio, Maria Bárbara Levy, entre outros) têm encontrado nos arquivos paroquiais a fonte mais importante de seus valiosos estudos.

O campo do Cônego Machado é outro, mas não menos importante. Os centros de peregrinação religiosa — no Brasil e no mundo — bem como as respectivas devoções que os motivaram, apenas agora começam a ser estudados. Há alguns anos, ilustre professora do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo apresentou alentada tese de doutoramento constituída de belíssimo estudo histórico e

geográfico dos vários centros de devoção dedicados ao Bom Jesus, em São Paulo: Iguape, Pirapora e Perdões. Integrando a comissão julgadora dessa tese, mostrei-me extasiado com a pesquisa realizada pela autora e indaguei, confessando minha ignorância da moderna bibliografia geográfica, se os grandes centros de peregrinação religiosa da Europa — Lourdes, Fátima, Lisieux, Loreto, Mariazell — haviam já merecido estudo tão aprofundado como aquele que a professora paulista vinha de fazer sobre os nossos três Bom Jesus. Ouvi, contente, de um dos companheiros de banca, mais atualizado que eu, que nada, absolutamente nada existia com relação aos centros citados, nos moldes do trabalho que nos era dado a apreciar.

Evoco esta ocorrência para lembrar que o mesmo poderia indagar, embora numa área pouco diferente, do presente trabalho do Cônego Machado. E tenho certeza de que a resposta também seria pela negativa. “Aparecida na história e na literatura” é trabalho único no gênero, na bibliografia histórico-religiosa de nosso país. O autor, de maneira muito sábia, quis evitar os aspectos puramente devocionais que seu trabalho comportaria (não que sejam desvaliosos, mas porque sobre eles muito já se tem escrito) para ater-se aos elementos históricos e literários, elaborados à vista de exaustiva pesquisa, o que dá ao seu livro o necessário embasamento científico que os aspectos apenas devocionais não comportariam.

É claro que, apesar do alentado volume que produziu, a pesquisa do nosso querido Cônego Machado não esgotou o assunto: faltam, por exemplo, a arte e a música, lacunas que, um dia, o próprio autor ou algum outro pesquisador poderá preencher. Mas o que nele existe basta, como de início salientei, para conscientizar o leitor da magnitude do tema.

A origem de Aparecida prende-se ao culto de uma estatueta representativa de Maria, a Mãe de Jesus, que surgiu maravilhosamente das águas do rio Paraíba em partes separadas (corpo e cabeça), colhidas à rede em dois lances seguidos e em pontos distantes. Foi cognominada “Aparecida”, isto é, aquela que apareceu. Autores do passado especialmente viajantes estrangeiros, (Saint-Hilaire, Spix, Martius, Zaluar) a ela se referem, registrando já o caráter de centro de peregrinação de que se revestia o povoado. Debret e Tomás Ender, pintores famosos que viajaram pelo Brasil, deixaram documentos pictóricos valiosos. O próprio Príncipe Regente, depois nosso primeiro Imperador, visitou Aparecida na sua famosa e gloriosa jornada da Independência.

O caso de Aparecida, inegavelmente um dos maiores centros religiosos do mundo, impõe-se ao respeito de todos sem distinção de credos. O próprio governo, por imperativos cívicos, dispensa-lhe atenções especiais. Por tudo quanto a pequena cidade do vale do Paraíba representa para o país, fazia-se mister coligir e concatenar a sementeira florida nos campos da história e da literatura, expondo e discernindo a verdade das

lendas e narrativas. É o serviço que vem de prestar às nossas letras o Cônego João Corrêa Machado, nesta obra que reúne tantas preciosidades históricas, além de uma coletânea de poesias e excertos literários. Seu trabalho foi imenso. Pesquisou fontes não suficientemente aproveitadas até o presente e que encerram, certamente, outras riquezas a serem ainda descobertas. Conseguiu manuscritos inéditos dos arquivos eclesiásticos, além de demorada pesquisa nas fontes secundárias: livros, jornais, revistas, folhetos, enfim tudo que lhe pudesse fornecer pistas para o esclarecimento de pontos outrora obscuros de seu trabalho. Enfim, doravante os interessados pela temática de Aparecida encontrarão inestimável manancial no livro do ilustre sacerdote Cônego João Corrêa Machado, figura expressiva da Igreja em Campinas, onde é carinhosamente conhecido por Padre Machadinho.

*